

**DESIGUALDADE DE GÊNERO EM NARRATIVAS DE MULHERES QUE
VOLTARAM A ESTUDAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)**

***DESIGUALDAD DE GÉNERO EN LAS NARRATIVAS DE MUJERES QUE
VOLVIERON A ESTUDIAR EN LA EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS (EJA)***

***GENDER INEQUALITY IN NARRATIVES OF WOMEN WHO RETURNED TO STUDY
IN YOUTH AND ADULT EDUCATION (YAE)***



Sandra Maria Gadelha de CARVALHO¹
email: sandra.gadelha@uece.br



José Ernandi MENDES²
e-mail: ernandijem@gmail.com



Elisângela Rodrigues MAIA³
e-mail: acervodepalavras@gmail.com

Como referenciar este artigo:

CARVALHO, Sandra Maria Gadelha de; MENDES, José Ernandi; MAIA, Elisângela Rodrigues. Desigualdade de gênero em narrativas de mulheres que voltaram a estudar na Educação de Jovens e Adultos (EJA). **Plurais – Revista Multidisciplinar**, Salvador, v. 10, n. esp. 1, e025010. e-ISSN: 2177-5060. DOI: 10.29378/plurais.v10iesp1.21519



| **Submetido em:** 30/08/2024

| **Revisões requeridas em:** 01/08/2025

| **Aprovado em:** 30/09/2025

| **Publicado em:** 27/11/2025

Editoras: Profa. Dra. Célia Tanajura Machado
Profa. Dra. Kathia Marise Borges Sales
Profa. Dra. Rosângela da Luz Matos

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza – CE – Brasil. Professora do Curso de Pedagogia do Centro de Educação (CED) e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino – PPGEEN, Universidade Estadual do Ceará (UECE).

² Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza – CE – Brasil. Professor Associado da Universidade Estadual do Ceará – UECE, do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino – PPGEEN (UECE).

³ Universidade Estadual do Ceará (UECE), Limoeiro do Norte – CE – Brasil. Professora da Rede Estadual de Ensino do Ceará na área de Linguagens e Códigos na modalidade EJA. Mestra pelo PPGEEN/UECE.

RESUMO: Este artigo resulta de pesquisa desenvolvida no curso de Mestrado e analisa os impactos do patriarcado na escolarização de mulheres das classes populares na Educação de Jovens e Adultos (EJA). O estudo, realizado em Limoeiro do Norte, Ceará, baseia-se nas narrativas de vida de 10 mulheres, alunas da instituição. Os relatos foram coletados durante a pandemia de covid-19, nos anos de 2020 e 2021, e analisados à luz da Análise do Discurso e da pedagogia freireana. Foi possível constatar que, embora a educação por si só não liberte da subalternidade do patriarcado, ou de uma situação precarizada de trabalho, mulheres pobres da classe trabalhadora, ao retornarem aos estudos, se sentiram mais qualificadas para o mundo do trabalho e se reafirmam como pessoas de direitos, lutando para realizar o sonho do acesso à educação, o que impõem demandas curriculares e de organização do trabalho docente na EJA.

PALAVRAS-CHAVE: Desigualdade de gênero. Narrativa de mulheres. Educação de Jovens e Adultos (EJA).

RESUMEN: Este artículo es resultado de una investigación desarrollada en la Maestría y analiza los impactos del patriarcado en la escolarización de las mujeres de las clases populares en la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA). El estudio, realizado en Limoeiro do Norte, Ceará, se basa en las narrativas de vida de 10 mujeres, estudiantes de la institución. Los informes fueron recopilados durante la pandemia de covid-19, en 2020 y 2021, y analizados a la luz del Análisis del Discurso y la pedagogía freireana. Se pudo comprobar que, si bien la educación por sí sola no libera a las mujeres trabajadoras pobres de la subalternidad en el patriarcado, ni de una situación laboral precaria, al regresar a los estudios se sienten más capacitadas para el mundo laboral, pero sobre todo, si reafirman a sí mismos como personas con derechos, luchando por realizar el sueño del acceso a la educación, que impone exigencias curriculares y organizativas al trabajo docente en la EJA.

PALABRAS CLAVE: Desigualdad de género. Narrativa de mujeres. Educación de Jóvenes y Adultos (EJA).

ABSTRACT: This article is the result of research developed in the Master's Course and analyzes the impacts of patriarchy on the schooling of women from the lower classes in Youth and Adult Education (YAE). The study, carried out at the Youth and Adult Education Center in Limoeiro do Norte, Ceará, is based on the life narratives of 10 women, students of the institution. The reports were collected during the COVID-19 pandemic, in the years 2020 and 2021, and analyzed in the light of Discourse Analysis and Freirean pedagogy. It was possible to verify that, although education alone does not free poor working-class women from subordination in the patriarchy, or from a precarious work situation, upon returning to studies they felt more qualified for the world of work, but above all, they reaffirmed themselves as people with rights, fighting to realize the dream of access to education, which imposes curricular demands and the organization of teaching work in YAE.

KEYWORDS: Social inequality. Women's narrative. Youth and Adult Education (YAE).

Introdução

Elas chegam acanhadas. São mulheres trabalhadoras que voltam à escola. Retornam algumas vezes após 10, 20, 30 anos afastadas do ensino formal. São mulheres, filhas, mães, esposas, viúvas. Possuem idades distintas e histórias semelhantes. Muitas trazem no rosto as marcas da idade, aprofundadas pelos obstáculos que a vida lhes impôs. Mulheres jovens que carregam no ventre o(a) filho(a), ou até levam a criança de colo a caminho da escola. Mulheres maduras, que com filhos(as) e até netos(as) já no mundo do trabalho, também estão retomando os estudos. É notório que essas mulheres chegam com muitas experiências nas suas trajetórias e, apesar do olhar cansado, atento e observador, carregam expectativas de dias melhores nas suas vidas.

O presente trabalho tem o objetivo de analisar os impactos do patriarcado na escolarização de mulheres das classes populares na Educação de Jovens e Adultos (EJA), realizando assim, uma observação nos atravessamentos que se interpõem à vida de mulheres da EJA e que ocasionaram o abandono do estudo, bem como discutindo os elementos de resistência que propiciaram as motivações para o retorno à escolarização.

A obra de Lima, Weise e Haracemiv (2021) aborda uma temática similar, porém centrada na especificidade dos motivos construídos por mulheres da EJA que voltaram a sonhar com os estudos e numa região do país diferente das mulheres aqui pesquisadas. Apresentamos aqui um pouco dessas mulheres que voltaram a estudar na EJA, no Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) Dr. José Nilson Osterne de Oliveira⁴, localizado na região do Vale do Jaguaribe, na zona urbana do município de Limoeiro do Norte, Ceará. Mulheres para quem o ato de retomar os estudos constitui, em si, um ato de coragem e de resistência, diante das dificuldades pelas quais passaram e ainda passam, no intuito de garantir o que lhes é um direito constitucional e que as condições materiais e estruturais da sociedade negaram: a educação (Maia, 2022).

Dado a experiência de docência e coordenação em projetos de EJA, os(as) autores(as) observaram um número expressivo de mulheres em prol da retomada na educação. Na sala de aula, com frequência, as educandas relataram suas adversidades de vida e, ao ouvir tais relatos, questões basilares desta investigação passaram a emergir relacionadas ao período em que se mantiveram distantes da escolarização: quais as razões que as impediram de estudar? Quais

⁴ Os CEJAs são estabelecimentos de ensino integrantes das categorias de escolas que compõem a estrutura organizacional da Secretaria de Educação do estado do Ceará. Num total de 33 instituições, têm a finalidade de ofertar escolarização dos anos finais do ensino fundamental e todo o ensino médio para jovens e adultos, no sistema semipresencial, que não concluíram a educação básica na idade própria.

seriam as motivações para o retorno aos estudos? Como percebem-se numa sociedade patriarcal, machista e violenta?

Di Pierro (2022) analisa que no Brasil e demais países da América Latina, inserida de forma dependente no capitalismo global, a modalidade de EJA tradicionalmente ofertada para sujeitos das classes populares, trabalhadores(as), pobres e negros(as), às quais por suas condições de vida e de trabalho não frequentaram a escola convencional, é procurada para compensar o tempo de exclusão e impedimento que tiveram: primeiro, a alfabetização, e em seguida, a escolarização. Ambas as etapas assumindo uma função reparadora e podendo ir além de uma subalternização, ampliando dimensões de humanização (Di Pierro, 2022).

Segundo Novaes, Carvalho e Soares (2021) em contextos históricos e políticos diversos, a EJA transita entre propostas pedagógicas diferenciadas, voltadas à formação crítica, nos termos de uma educação popular como propõe Freire (2019), podendo articular-se ao mundo do trabalho, com uma qualificação profissional, nos moldes de uma educação libertadora, ou ainda, podendo objetivar, como afirmam Furtado e Lima (2010), tão somente uma escolarização para inserção de mão-de-obra no mercado, nos moldes das políticas neoliberais. São temáticas revisitadas, presentes e necessárias, a fim de se investigar os direcionamentos desta modalidade.

Além destas, há várias temáticas que permitem um recorte para a investigação na EJA. A ampliação da pós-graduação em várias regiões do Brasil, principalmente Norte, Nordeste e Centro Oeste, na última década (CAPES, 2021), tem permitido um volume expressivo de pesquisas sobre esta modalidade. Ao realizar uma busca pelas palavras *EJA* e *mulheres*, no catálogo de teses e dissertações da CAPES (2024), é possível identificar 116 dissertações, contudo apenas 35 são apontadas na área de conhecimento da Educação. Desta forma, o recorte de gênero que marca a singularidade desta pesquisa torna-se relevante, tendo em vista que evidencia as narrativas de mulheres sobre as trajetórias relacionadas ao período de suas vidas que foram obrigadas a ficarem distantes do sonho de estudar e da escola, bem como a sua insistência e resistência na conquista da educação escolar, no âmbito do CEJA José Nilson Osterne de Oliveira. A presente pesquisa permite compreender melhor os sujeitos da EJA, sobretudo as educandas e seus processos formativos, as particularidades sociais e culturais da EJA e a realidade a qual estão inseridas.

Os recortes das histórias de vida aqui relatadas nos fornecem o *corpus* para a investigação. Portanto, trata-se de uma pesquisa qualitativa, com uma escuta sensível aos depoimentos sobre a vida de dez mulheres estudantes no referido CEJA que se voluntariaram respondendo ao chamado aleatório de participação, entre as quais, sete delas se

autoidentificaram como negras. A fim de garantir o anonimato foram atribuídos pseudônimos, contando-se ainda, com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por elas assinado, autorizando a publicação dos depoimentos. Devido ser realizada durante a Pandemia de covid-19 (2020-2021), a escuta dos relatos foi possível por meio de reiteradas conversas e entrevistas pelo aplicativo *WhatsApp*. As referências teóricas basilares são: Freire (2016); Arroyo (2017); Saffioti (2015); Adichie (2015); hooks⁵ (2020); Di Pierro (2022); Charaudeau e Maingueneau (2004); Carvalho (2016); Machado (2016) entre outros.

O artigo se desdobra, após as notas introdutórias, em uma primeira seção acerca da Análise do Discurso (AD) como esteio analítico da pesquisa; segue com a apresentação e análise das narrativas sobre si mesmas e; na terceira seção, foca na escolarização destas mulheres na EJA, seguindo-se as considerações finais.

O estudo ganha relevância ao evidenciar aspectos sociais, culturais e econômicos que permeiam a vida dessas mulheres na sociedade, interseccionados à sua escolarização. Possibilita revelar fragmentos particulares de suas vidas, os quais nos fornecem o mote necessário para analisarmos a visão destas a respeito de si mesmas e da vida que tiveram e têm, do mundo e da educação, proporcionando ensinamentos a todos(as) envolvidos(as) com a docência na EJA, pois a escuta destas educandas sobre elas é reveladora de uma realidade silenciada e invisibilizada.

Educação, narrativas de vida e Análise do Discurso

Paulo Freire (2016) advoga o diálogo como essencial à prática de uma educação libertadora, atentando que esse se faz nas palavras adjetivadas como verdadeiras, pois só nesta condição podem transformar o pronunciante e o mundo. Assim afirma: “a existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens [e mulheres] transformam o mundo” (Freire, 2016, p. 44). E nos deixa a lição de que através da palavra e da prática é possível e necessário pronunciar o mundo na perspectiva de transformá-lo, e os pronunciantes se transformam através do mundo transformado, impondo-se novos desafios.

A voz dos sujeitos na educação constitui a possibilidade concreta de construção da emancipação porque ela, quando afirma autonomia, revela realidade, práticas e consciência,

⁵ Ao longo do texto utilizaremos a referência de bell hooks em letras minúsculas adotando o que a própria escritora queria: que as observações estivessem para as ideias, e não para seu nome.

humanizando a pronúncia do mundo. E, além disso, o resgate da trajetória desumanizante mobiliza sentimentos de efetiva superação das dificuldades que se impõem, para que essas mulheres, pobres e negras, em sua maioria, tenham enfim, o direito à educação garantido. Afinal, “a memória, materializada em recordação do vivido, pode constituir-se em ponte de unidade do passado, presente e futuro” (Mendes, 2005, p. 42). E, no caso das educandas do CEJA, propiciam a emersão dos percalços enfrentados numa sociedade sexista que, ao mesmo tempo, demonstram perspectivas de superação: “O vivido só se torna recordação na lei da narração que é, por sua vez, a lei de sua leitura. E aí se torna outra vez vivo, aberto, produtivo. A memória que lê e que conta é a memória em que o era uma vez converge-se em começa!” (Larrosa, 1998, p. 80).

O papel do(a) pesquisador(a) é “buscar vestígios, mesmo em territórios aparentemente inhóspitos e silenciosos, que negam a própria existência dos sujeitos investigados” (Oliveira Neto, 2022, p.14), pois se faz necessário “articular a própria dimensão narrativa, a fim de conferir sentido ao que foi investigado” (Oliveira Neto, 2022, p. 14). Daí a necessidade de escutar o que as mulheres do CEJA têm a dizer. O que suas narrativas de vida evocam sobre seu processo de escolarização?

É a partir dessa inquietação que buscamos na Análise do Discurso (AD) (Charaudeau e Maingueneau, 2004; Carvalho, 2016) a fundamentação para a compreensão das histórias de vida contadas por educandas do CEJA de Limoeiro do Norte, CE, no que concerne à sua condição de mulheres na luta pela escolarização. Nesta análise procura-se compreender a organização interna das formas simbólicas do discurso, no caso, das educandas, buscando situar o texto falado no contexto vivido, imediato e mais amplo, arrancando os significados associados à desigualdade social e, em particular, o de gênero. Portanto, a AD vai além do contexto meramente comunicativo, porque o discurso é expressão da realidade social, sendo muito mais que os elementos textuais, sintáticos e semânticos. O texto sem contexto se esvai, se principia, cai no vazio.

Assim, a interpretação de um texto não pode prescindir do contexto, dado que a linguagem expressa relações sociais. Do ponto de vista da metodologia de pesquisa, a narrativa, ou história de vida, está profundamente associada à AD. A narrativa de vida é

[...] todo processo discursivo assumido por um sujeito que tenha como objetivo contar a vida de um ser que existe ou existiu, seja ele próprio ou outro. Consideramos, então, que o objeto desse gênero genealógico seja constituído pelos percursos vividos por um sujeito ao longo de sua existência, por momentos trazidos pelas suas próprias lembranças ou pelo acesso direto a documentos e escritos pessoais do *personagem-objeto-da-narrativa*, ou seja, um todo que envolve não só acontecimentos, mas

também sentimentos, relações interpessoais, ideologias, crenças e valores (Carvalho, 2016, p. 23, grifos da autora).

Na perspectiva da narrativa de vida, como supracitado, a escuta da palavra que traduz sentimentos, ideologias e relações interpessoais, a partir dos dados coletados, realizamos, após uma escuta sensível, a análise das potentes falas das mulheres educandas do CEJA, confrontando suas impressões com a realidade observada. Situando-as numa totalidade sistêmica e histórica, na relação com especificidades regionais e culturais, associadas às condições sociais das pessoas estudadas, tais narrativas são potentes atos de linguagem e empoderam tanto quem as produz, quanto quem as eco, propiciando sentidos possíveis, resultado dos olhares de quem as anuncia e dos que as interpreta.

Certamente, narrar está entre as ações mais primitivas do homem e da mulher, haja vista que o ato de narrar está atrelado à própria constituição do ser humano como ser social, através da linguagem, do trabalho e da educação. Desta forma, a existência e a sobrevivência humana decorrem dos laços consolidados entre os indivíduos através da comunicação, da linguagem, das necessárias interações, a fim de se manterem vivos como espécie. Portanto, é parte da natureza humana representar a experiência, criar símbolos, ritos e histórias.

Além disso, a história ou narrativa de vida requer o exercício da memória. É preciso evocar fatos e dados que, de tão pouco pensados, já estavam meio embaçados na lembrança. Nesse sentido, o contexto e as práticas sociais são a materialidade que incide sobre o imaginário das pessoas.

Ao fazerem suas narrativas, essas mulheres expressam as relações sociais e pessoais que tiveram ao longo de suas vidas, responsáveis pelo que se tornaram, refletindo as opressões às quais foram vítimas e também sua capacidade de resistência e insistência em construir uma realidade nova, diferente da vivenciada, que lhes causaram grandes sofrimentos, pronunciando-se e transformando o mundo numa relação dialética de também transformar-se.

O patriarcado que vigora na sociedade capitalista consiste numa relação de desigualdade que imprime às mulheres uma posição de subalternidade pela sua condição de gênero (Saffioti, 2015). O patriarcado é um “sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher ao homem” (Saffioti, 1987, p. 16). Às mulheres inseridas em uma sociedade patriarcal e machista, se espera obedecer e subordinar-se ao pai, ao companheiro, ao patrão, à sociedade. E em grande medida é o destino que se traça neste contexto de grande opressão, o que pode ser comprovada na fala de Gisele, 43 anos, aluna do CEJA. Provavelmente sem atentar para a estrutura patriarcal que recai sobre seus ombros, ela acredita ser “uma ilusão da gente, assim...

depois que tem filho, achar que vai terminar tudo, depois de casar, quando na verdade tudo fica mais difícil [...]”.

Para Gisele, casar e ter filhos foi uma sentença de clausura e de submissão, fato que, não raro, acontece. Outrossim, sua fala reflete a de um grande número de mulheres que assimila, interioriza, cristaliza e repercute culturalmente ideias machistas e opressoras, decorrentes do machismo estrutural. Desse modo, dado o peso da estrutura do sistema-mundo capitalista, neoliberal, colonial e patriarcal (Grosfoguel, 2008), que determina a vida dos explorados(as), excluídos(as) e oprimidos(as) desta sociedade, a referida aluna acredita mesmo ser uma ilusão querer concluir os estudos após o casamento.

A narrativa das mulheres, discentes do CEJA, sobre idas e vindas do processo de escolarização

Evocar lembranças e revisitar o passado nem sempre são tarefas fáceis. Prova disso está na fala de uma das educandas convidadas por uma das autoras deste artigo para contar sua história de vida, com foco em seu processo de escolarização. Naquela ocasião, a discente não apenas recusou o convite como também acrescentou: “professora, esse foi um tempo tão difícil que não quero nem lembrar”. O silêncio também pode nos revelar muito, porque às vezes expressa uma dor que se pretende esquecer. Constitui-se um desafio da educação popular fazer com que os sujeitos superem o silêncio ou o silenciamento para que, através de narrativas, possam afirmar uma identidade oprimida na busca de libertação.

Enquanto prática narrativa, a história de vida das mulheres envolve as representações que têm do mundo e de si mesmas, bem como suas interações e vivências decorrentes das condições sociais. Essas mulheres que fazem parte deste estudo, submetidas a determinadas relações sociais, apresentam um *modus operandi*, um modo de viver diante das dificuldades muito semelhantes, imposições e determinações socioculturais, incorporando *habitus* de práticas sociais próprias da classe a qual pertence. Bourdieu (1983) ressalta que o *habitus* consta de uma adaptação, um ajuste, a uma situação imposta, determinante na configuração do modo de vida e das práticas das pessoas. Podemos afirmar que as mulheres do CEJA – Limoeiro do Norte manifestam um *habitus* das camadas populares de algum pequeno ou médio município do interior do Nordeste, que lutam pela sobrevivência e ainda têm direitos básicos, como à educação, negados pelo estado e a estrutura social vigente.

Todas as mulheres ouvidas foram obrigadas a pararem de estudar para trabalhar ou dedicar-se ao filho(a) e/ou ao companheiro. Suas vidas, falas, consciência pessoal e social são

decorrentes das contradições da sociedade, das relações sociais desiguais, nas quais mulheres, pobres e negros são oprimidos em micro e macro relações.

Quanto às mulheres, o trabalho se mostra como um fator decisivo na decisão da escolarização, seja doméstico ou não. Na comuna primitiva, o trabalho não era hierarquizado, imperava a coletividade tribal como forma de organização da comunidade (Marx; Engels, 2015). Assevera Engels (2002) que historicamente o patriarcado se institui com a criação da propriedade privada, da família monogâmica e do Estado. Como afirmam Carvalho, Silva e Barbosa (2020) em concordância, o patriarcado se ergue concomitante à propriedade privada, fato impositivo da necessidade de hierarquização do trabalho. E o capitalismo se ergue sobre a estrutura opressora do patriarcado que, de acordo com Saffioti (2015, p. 47), “é o regime de dominação-exploração das mulheres pelos homens”. Assim, emerge nas narrativas de parte das mulheres ouvidas, o trabalho como necessidade que se impõe, muitas vezes, conjugado a outras opressões.

Com efeito, o trabalho, a luta pela sobrevivência e a necessidade material de contribuir desde cedo com as despesas da casa aparecem em 30% dos relatos das mulheres ouvidas. Vale salientar ainda, que esse percentual diz respeito somente àquelas que relataram precisar trabalhar ainda crianças, e sabe-se que muitas iniciam no mundo do trabalho durante a adolescência. No quadro abaixo, destaca-se as principais falas que evocam a necessidade do trabalho enquanto fator decisivo, talvez melhor afirmar, da imposição, do abandono aos estudos.

Quadro 1 – Excertos das narrativas de vida que evocam o fator trabalho

Nome	Idade	Excerto
Maria	40	“Comecei a estudar com idade normal como toda criança, mas logo tive que ajudar em casa, pois nós não tinha condições. Minha mãe não tinha trabalho e o marido dela ganhava muito pouco, não tinha emprego certo. Nós somos quatro irmãos, eu sou a mais velha e como já falei antes, tive que ajudar em casa, trabalho em outra casa de família”.
Beatriz	29	“Tive que parar os meus estudos porque precisei trabalhar para ajudar nas despesas de casa [...] nem sempre a gente abandona os estudos porque quer, no meu caso não foi porque eu quis, porque eu precisei escolher entre estudar e trabalhar”.
Gisele	43	“Muito cedo eu deixei meus estudos de lado porque comecei a trabalhar”.

Fonte: Elaborado pelo autor 3.

Tais afirmações nos dizem muito a respeito da desigualdade social e da sociedade capitalista, cuja essência é a exploração das classes trabalhadoras e sobre o trabalho feminino, que faz a mulher, ainda criança, sentir-se obrigada a trabalhar em prol de sua sobrevivência e de sua família. Maria, por exemplo, sente também o peso de ser a filha mais velha, enquanto Beatriz justifica que a culpa não foi sua, pelo abandono dos estudos. Mendes (2005) no estudo da trajetória de professores e professoras da educação fundamental constata, em memoriais elaborados por estes docentes, que muitas famílias com grande quantidade de filhos, são obrigadas a escolher uma minoria que pode persistir e, quiçá, prosseguir nos estudos.

É comum elas sentirem-se culpadas e com remorso por um estigma que a vulnerabilidade econômica lhes trouxe. Gisele, por sua vez, é enfática ao dizer que muito cedo teve que deixar de estudar para trabalhar. A presença da expressão *muito cedo* intensifica e torna precoce a necessidade de trabalhar.

Nesse cenário temos três mulheres que não puderam ir à escola porque tiveram que ingressar no mundo do trabalho ainda crianças. Elas representam milhares de mulheres trabalhadoras e exploradas, que deixaram a escola e, anos mais tarde, precisam voltar aos bancos escolares porque ainda têm esperança de conseguir um trabalho melhor. Nesse sentido, o trabalho se torna o motivo pelo abandono e também pelo retorno à escola.

Para as camadas populares, o trabalho compõe sua existência e sobrevivência desde cedo, não porque seja uma decisão, mas uma imposição do sistema, alimentado por desigualdades e injustiças.

Ver os jovens-adultos como trabalhadores exige não vê-los apenas como estudantes em percursos escolares truncados a serem suprimidos. Nem sequer vê-los como estudantes que trabalham. Ser trabalhador não é acidente a mais na sua condição de estudante. Como ser pobre e lutar pela sobrevivência em trabalhos formais e informais não é um acidente dos jovens-adultos estudantes na EJA (Arroyo, 2017, p. 16).

A vulnerabilidade econômica leva a uma separação injusta e precoce, mas não pouco comum entre a criança e a escola. Arroyo (2017) chama essas pessoas de vítimas de uma espécie de *apartheid* socioeconômico. São trabalhadores empobrecidos, negros, mulheres, jovens, adolescentes e crianças.

Contudo, para muitas pessoas, durante a infância e adolescência, não foi apenas o trabalho que as impediu ou dificultou a conclusão dos estudos, existiram e existem outras *pedras no caminho*, especialmente no caminho da mulher.

Nas inscrições das narrativas analisadas, a gravidez e o casamento aparecem em 70% das histórias de vida, considerando-se implicitamente o tempo requerido para o cuidar da casa

e dos filhos, constituem o segundo motivo pelo qual as alunas do CEJA – Limoeiro do Norte deixaram de estudar. No quadro abaixo (Quadro 2), temos os relatos que refletem tal realidade.

Quadro 2 – Excertos das narrativas de vida relacionados a gravidez e/ou ao casamento

Nome	Idade	Excerto
Antônia	23	“Eu engravidei com 13 anos, tive que parar meus estudos por conta da gravidez, depois de 9 anos eu voltei a estudar, no CEJA de Limoeiro do Norte [...]”.
Elisa	24	“Com 15 a 16 anos, por aí, e no tempo, eu tinha um namorado e eu também faltava muito nas aulas, não ia todo dia, aí esse meu namorado começou falar comigo, dizendo que queria se juntar e eu muito nova, caí na conversa dele, né [...] Aí o que eu fiz? Me juntei e larguei os estudos, eu tive uma filha com ele, aí estou agora viúva [...]”.
Jacira	74	“Mas eu não tinha uma pessoa que me orientasse que eu ficasse no colégio, que eu fui pro colégio ainda, mas aí saí, ninguém me orientou, não obrigou eu ir pro colégio, que eu tinha muita vontade de estudar e tudo bem, né? Aí apareceu essa pessoa que não deu certo [...] tive muito filho, tive treze filho [sic], porque eu não sabia, eu não tinha remédio, ele não dava, ele judiava muito eu [...] eu sofri muito nas mãos dele e ele [...] aí pronto! Foi uma coisa que eu saí de casa, foi quando eu fui conhecer o mundo [...]”.
Gisele	43	“Na realidade, é uma grande ilusão da gente, assim, depois que tem filho, achar que vai terminar tudo, depois de casar, tudo fica mais difícil. E aí tive meu primeiro filho, depois tive o segundo, me casei, vivi 18 anos casada [...]”.
Maria	40	“Comecei a namorar um rapaz [...] foram pouco mês [sic] de namoro e logo fomos morar junto. Tentei estudar no começo, mais logo tive meu primeiro filho e ficou muito difícil voltar a escola, em sequência logo tive os outros [...]”.
Conceição	43	“O tempo passou, eu casei [...]”.
Diana	32	“O tempo passou, com 19 anos me casei e vim morar na cidade de Limoeiro do Norte. Um ano depois, engravidei, logo depois de gêmeas, três anos depois, engravidei novamente”.

Fonte: Elaborado pelo autor 3.

Observa-se em Antônia que a gravidez precoce ainda na adolescência mudou o percurso de sua trajetória escolar, afastando-a durante nove anos da escola. Em mais de dois terços das falas, ser mãe, esposa e dona de casa representa o principal motivo de abandono aos estudos. E sabe-se que cada um destes motivos está assentado na determinação de uma estrutura social e de classes, em regime patriarcal, responsável por muitos dos problemas enfrentados pela escola.

É alarmante constatar que gravidez, filhos, casamento e tarefas ligadas a esses fatores exercem ação determinante no abandono do processo de escolarização dessas mulheres. Visto que o capitalismo se ergue também pela força do patriarcado, que com suas opressões e subjugações contribui para a reprodução do capital, a mulher, mãe, esposa, trabalhadora gesta

não apenas uma nação, ela é determinante no engendramento da engrenagem do mercado capitalista de produção, sendo o patriarcado uma pilastra destas relações.

A mulher submetida a essas condições, nesse cenário, é força motriz essencial ao processo de exploração. Ela é duplamente explorada, revelando-nos que nem sempre entrar no mercado de trabalho é suficiente para a emancipação da mulher.

Ainda que multidões de mulheres tenham entrado no mercado de trabalho, ainda que várias mulheres sejam chefes e arrimo de família, a noção de vida doméstica que ainda domina o imaginário da nação é a de que a lógica da dominação masculina está intacta, seja o homem presente em casa ou não (hooks, 2020, p. 18).

O movimento feminista, desde o final do séc. XIX e séc. XX, tem empreendido muitas lutas contra a exploração e subalternização das mulheres. No campo do trabalho, as várias jornadas que aliam emprego e atividades domésticas, como o cuidado dos filhos, são por demais exaustivas e levam as mulheres a abandonarem os estudos. Pela luta histórica das mulheres tem se logrado algumas vitórias, como creches e melhores condições de trabalho, porém ainda se constata muita disparidade de salários e o número de creches insuficientes, recaindo sobre a vida das mulheres as consequências da ausência destes direitos e políticas públicas (hooks, 2020). No Brasil, somente em 2023, foi sancionada pelo Presidente Luís Inácio Lula da Silva (2023-atual), a Lei nº 14.611 de 03/07/2023, que garante igualdade salarial entre homens e mulheres (Brasil, 2023).

Uma formação crítica em EJA demanda tal debate, seja para as mulheres, seja para os homens, tanto para compor o currículo, quanto para um acolhimento das mães e suas crianças. Nos relatos de Elisa, Jacira e Gisele, observa-se que a volta aos estudos somente foi possível após o fim do casamento, seja porque ficaram viúvas, fugiram de maridos violentos ou separaram-se, o que demonstra o quanto a mulher é oprimida na relação conjugal sob os parâmetros do patriarcado. Outrossim, o número de filhos também repercute como algo muito significativo dos relatos analisados: quanto mais filhos tiver, mais dificuldades a mulher enfrenta em seu processo de escolarização.

A narrativa de Jacira chama a atenção quando ela revela também ter sido vítima de violência doméstica. Foi mãe de 13 filhos e precisou fugir de casa para escapar dos maus tratos. É dolorosa toda a prática de desrespeito, humilhação e violência que esta mulher enfrentou. Também se constata sua força para depois de tudo que passou, pautar o acesso à uma educação elementar, negada pela vida e pela sociedade, alimentando sonhos de uma vida melhor depois de setenta anos.

Maus tratos e violência chegam, não raro, a casos de feminicídio. Conforme dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP):

Nos últimos onze anos (2013-2023), 47.463 mulheres foram assassinadas no Brasil, conforme registros do sistema de saúde. Somente em 2023, os registros apontam para 3.903 mulheres vítimas de homicídio, o que equivale a uma taxa de 3,5 mulheres por grupo de 100 mil habitantes do sexo feminino (FBSP, 2025, p. 49).

São dados assustadores que não podem ser naturalizados. Tem-se que elevar o nível de denúncia, indignação na sociedade, concomitante ao intenso trabalho de políticas públicas, de proteção e educação popular e pedagogia feminista, contra a violência, o machismo e o sexismo que provocam.

Os relatórios demonstram que há um índice de subnotificação muito elevado, com mais da metade das mulheres vítimas de violência em 2023 não procuram a delegacia para efetivar denúncias. Isso demonstra o quanto as condições de resistência ainda são difíceis para as mulheres, sobretudo do meio popular, em que a garantia do direito à educação e demais direitos são constantemente negados.

Certamente a escola e a educação não podem reverter uma situação de magnitude social que exige políticas públicas e decisões políticas. Todavia, como afirma a teoria pedagógica de Paulo Freire (2019), a educação conscientizadora transforma pessoas e estas transformam o mundo, na perspectiva de uma educação para a liberdade, para a superação das opressões (Freire, 2016, 2019). Ou seja, a educação frente às realidades dessas mulheres provoca a organização da EJA, seja em seus currículos, seja na sua gestão. Toda uma mudança que se acolha as questões das mulheres, numa pedagogia feminista que reflita as desigualdades sociais, o patriarcado, a subalternização das mulheres, o trabalho desigual e, ainda, se preveja acolhimento às crianças com suas mães e pais estudantes da EJA, entre outras medidas possíveis e necessárias, que fortaleçam seus direitos e acesso à educação.

Considerações finais

Diante do exposto, constata-se que a vulnerabilidade econômica associada à desigualdade social e à estrutura patriarcal da sociedade brasileira obriga muitas mulheres a abandonarem os estudos ainda crianças e a tentarem, após muitos anos, sua retomada e conclusão na modalidade de EJA.

Verifica-se que num contexto de muita injustiça social, ainda é preponderante a desigualdade entre homens e mulheres, e a opressão da estrutura patriarcal, repercutindo diretamente na trajetória de vida e nas possibilidades de escolarização, dificulta ou impede que as mulheres concluam seus estudos na modalidade.

De modo geral, afirma-se que as discentes ouvidas são mulheres pobres, trabalhadoras e submetidas às opressões de diferentes naturezas, das quais algumas foram também vítimas de violência doméstica. E contrastando com os elementos da realidade, que tentaram subjugar-las e anulá-las como seres humanos, mostram-se mulheres cheias de sonhos e expectativas de conquistar um futuro melhor que o passado e o presente vividos, por meio da conclusão dos seus estudos.

Vê-se que as educandas do CEJA – Limoeiro do Norte são exemplos de resistência, porque retornam às salas de aula após tantos fatos postos para o caminho da desistência. Frente às dificuldades, tais mulheres são inspiradoras, seus depoimentos denunciam a opressão da qual foram vítimas e sua prática persistente em concretizar o sonho mínimo de estudar, constitui um anúncio de que as mulheres têm que lutar sempre. hooks (2020), no título de um de seus livros, *O feminismo é para todo mundo*, evidencia o caminho. Na mesma esteira, Adichie (2015) anuncia em sua obra: *sejamos todos feministas!* E ambas demonstram que a condição feminista não se põe contra o homem, mas a favor da superação das opressões contra as mulheres. E nesta concepção, hooks (2020, p. 17) reitera: “dito de maneira simples, o feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão”. O feminismo vai além da busca de mulheres por igualdade, ele deve se interseccionar à luta contra o racismo, o patriarcado e todas as formas de opressão da sociedade capitalista (hooks, 2020).

Mesmo que as mulheres tenham conquistado, por meio de muitas lutas do movimento feminista, a possibilidade de um lugar no mercado de trabalho, a lógica atual de dominação é sexista, e está interseccionada a outras poderosas formas de dominação, como a de classe e a de raça. Podemos observar isso presente nas falas das mulheres analisadas nesta pesquisa. Elas lutam pelo direito de existir, de ter seu *lugar de fala*, de sobreviver com dignidade, lutam por trabalho, pelo direito de estudar e permanecer estudando. Elas insistem com os seus sonhos contra o estado que as negou numa fase importante de suas vidas, lutam contra as expressões do patriarcado que persiste na sociedade em diferentes níveis, na qual a divisão do trabalho ainda designa as mulheres para cuidar da casa, dos filhos e servir aos maridos. Elas lutam contra os pais pelo direito de serem criadas como iguais aos seus irmãos, contra as aberrações de uma cultura cristalizada que lhes designa papéis secundários na sociedade, e que reforça estigmas e

padrões afirmando *meninos vestem azul e meninas vestem rosa*, da mesma forma que a boneca é para ela e o carrinho é para ele. Mensagens que num passado recente, lamentavelmente, voltaram à baila, circulando em meios de comunicação, proferidas por mulheres que assumiram cargos ministeriais no governo presidencial brasileiro de 2019 a 2022 (Cerione, 2019). Tal contexto mostra que são embates vividos em nossa sociedade.

No regime capitalista e patriarcal no qual vivemos, as mulheres são objetos sexuais, força de trabalho e reprodutoras. A mesma base patriarcal desse sistema também incide opressões e violências contra homossexuais, travestis e transgêneros e todas as pessoas LGBTQIAPN+, assim como a característica colonial dissemina racismo contra pessoas negras e povos indígenas. O patriarcado é uma realidade opressora do mundo capitalista globalizado que revela abissal exploração do trabalho feminino e subordinação à lógica normativa dominante, hegemônica por homens, em sua maioria ricos, brancos e heterossexuais (Silva, 2019).

Nesta realidade, a EJA apresenta a possibilidade de uma educação humanizadora (Freire, 2016) dessas mulheres, garantindo-lhes o direito à escolarização. A EJA é um espaço escolar que acolhe sonhos, partilhas, dores e conquistas, estando além da transmissão de conhecimentos. Ela cumpre o que Cury, no Parecer CNE/CEB nº 11/2000, designou como função reparadora, a qual “significa não só a entrada no circuito dos direitos civis pela restauração de um direito negado: o direito a uma escola de qualidade, mas também o reconhecimento daquela igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano” (Cury, 2000, p.7).

Desta forma, os relatos de mulheres impõem demandas às políticas públicas e educacionais, e também para a EJA. Um olhar sensível e atento à condição feminina, nos leva a constatar a necessidade de acolhimento de crianças nos espaços escolares que as mães frequentam, a compreensão e encaminhamentos em face de situações de violência doméstica, a reflexão sobre seus direitos e sobre o feminismo como movimento que, historicamente, tem empenhado o enfrentamento ao sexismo e ao patriarcado, assim como ao racismo e a opressão de classe. Ademais, pensar sobre atividades integradas que proporcionem melhor inserção no mundo do trabalho é uma outra demanda que se vislumbra.

O caminho ainda se mostra longo para que se alcance uma educação permanente, de qualidade socialmente referenciada a serviço do desenvolvimento pleno de educandos e educandas, que não sirva à desigualdade entre homens e mulheres, e que conscientize desde cedo, em busca da transformação. Assim, Paulo Freire defende:

A consciência do mundo e a consciência de si crescem juntas e em razão direta: uma é a luz interior da outra, uma comprometida com a outra. Evidencia-se a intrínseca correlação entre conquistar-se, fazer-se mais a si mesmo, e conquistar o mundo, fazê-lo mais humano (Freire, 2016, p. 9).

Sabemos que a educação sozinha não muda o mundo, mas também sabemos que é por meio dela que homens e mulheres tomam consciência de si e do mesmo. Negar ou dificultar a escolarização das mulheres serve à dominação, à opressão e à manutenção de uma sociedade injusta, na qual muitos homens oprimem e matam mulheres só pelo fato de serem mulheres.

A pesquisa trouxe à vista questões relativas às dificuldades enfrentadas ao longo da vida pelas discentes que retornaram ao CEJA em busca de escolarização. Dentre as dificuldades narradas em suas falas, destaca-se a necessidade de trabalhar para garantir sua sobrevivência e de sua família, bem como a opressão masculina como fatores que as impediram ou dificultaram o acesso e a retomada aos estudos. Às educadoras e aos educadores de EJA, aos gestores da educação, se impõe a necessária escuta sobre a vida dessas mulheres, que não concordam com as barreiras postas pela sociedade capitalista e patriarcal, mas que perseveraram em seus sonhos e merecem que a educação continue a semear perspectivas de uma emancipação humana e social.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2015.

ARROYO, Miguel. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BRASIL. Ministério das Mulheres. **Lei nº 14.611, de 03 de julho de 2023**. Lei de igualdade salarial. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/114611.htm. Acesso em: 01 ago. 2024.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro, RJ: Marco Zero, 1983.

CAPES. **A Pós-graduação brasileira cresceu 48% na última década**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2021/02/pos-graduacao-brasileira-cresceu-48-na-ultima-decada>. Acesso em: 10 ago. 2024.

CAPES. **Repositório de teses e dissertações**. 2024. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>. Acesso em: 29 jul. 2024.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **O Dicionário de Análise do Discurso**. 3 ed. Rio de Janeiro, RJ: Contexto, 2004.

CARVALHO, Aline Torres Sousa. Relações teórico-metodológicas entre a AD e a Narrativa de Vida. *In*: MACHADO, Ida Lúcia; MELO, Mônica Santos de S. **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso**. (Recurso eletrônico). Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG, 2016, p. 22–41.

CARVALHO, Sandra Maria Gadelha de; SILVA, Mila Nayane da; BARBOSA, Lia Pinheiro. Enfrentamentos e aprendizados: a insurgência feminina no Acampamento Zé Maria do Tomé, Chapada do Apodi – CE. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 20, n. 67, p. 1808–1836, out./dez. 2020. DOI: [10.7213/1981-416X.20.067.DS14](https://doi.org/10.7213/1981-416X.20.067.DS14). Acesso em: 03 nov. 2025.

CERIONE, Clara. Menino veste azul e menina veste rosa, diz Damares em vídeo. **Exame**, 03 jan. 2019. Disponível em: <https://exame.com/brasil/menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa-diz-damares-em-video/>. Acesso em: 15 ago. 2024.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Parecer CNE/CEB nº 11/2000**. Disponível em: https://www.mprj.mp.br/documents/20184/1205766/Parecer_CNE_CEB_11_2000_Diretrizes_Curriculares_Nacionais_Educacao_de_Jovens_e_Adultos.pdf. Acesso em: 28 out. 2024.

DI PIERRO, Maria Clara. A educação de Jovens e Adultos é uma porta de reingresso no sistema educacional. [Entrevista cedida a] Cátia Guimarães. **EPSJV/Fiocruz**, São Paulo, jan. 2022. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/entrevista/a-educacao-de-jovens-e-adultos-e-uma-porta-de-reingresso-no-sistema-educacional>. Acesso em: 19 jul. 2024.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Trad. Ruth M. Klaus. São Paulo, SP: Centauro, 2002.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). **Atlas da violência 2024** / coordenadores: Daniel Cerqueira; Samira Bueno – Brasília: Ipea; FBSP, 2024. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2025/05/atlas-violencia-2025.pdf>. Acesso em: 19 out. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 60 ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 45 ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2019.

FURTADO, Eliane Dayse Pontes; LIMA, Kátia Regina Rodrigues. EJA, trabalho e educação na formação profissional: possibilidades e limites. **Educação & Realidade**, v. 35, n. 1, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/11025>. Acesso em: 06 jun. 2024.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 115–147, 2008. DOI: 10.4000/rccs.697. Acesso em: 03 nov. 2025.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 14 ed. Rio de Janeiro, RJ: Rosa dos Tempos, 2020.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Porto Alegre, RS: Contrabando, 1998.

LIMA, Francisca Vieira; WEISE, Andréia Faxina; HARACEMIV, Sonia Maria Chaves. As mulheres da EJA: do silenciamento de vozes à escuta humanizadora. **Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp.** Salvador, v.30, n. 63, p.131–150, jul./set. 2021. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.21879/faeaba2358-0194.2021.v30.n63.p131-150>. Acesso em: 10 ago. 2024.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. 3 ed. São Paulo, SP: EDIPRO, 2015. (Série Clássicos Edipro).

MACHADO, Maria Margarida. A educação de jovens e adultos após 20 vinte anos da Lei nº 9.394, de 1996. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 10, n. 19, p. 429–451, jul./dez. 2016. DOI: 10.22420/rde.v10i19.687. Acesso em: 05 ago.2024.

MAIA, Elisângela Rodrigues. **Nunca é tarde: uma análise da dinâmica da desigualdade de gênero a partir dos discursos de mulheres que voltaram a estudar**. Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino) – Universidade Estadual do Ceará, 2022. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=106525>. Acesso em: 3 nov. 2025

MENDES, José Ernandi. **Professor Municipal: entre as políticas educacionais e as trajetórias pessoais**. 2005. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3295>. Acesso em: 03 nov. 2025.

NOVAES, Marcos Adriano Barbosa de; CARVALHO, Sandra Maria Gadelha de; SOARES, Jaiane Tatiele Alexandre Barboza. Os avanços e limites da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no governo Lula da Silva (2003-2010). **Revista Cocar**, v. 15, n. 33, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4804>. Acesso em: 21 jun. 2025.

OLIVEIRA NETO, João Joel de. **A dimensão autoformativa da memória camponesa: narrativas orais nos processos de resistência pela terra em Jaguaruana – CE**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino) – Universidade Estadual do Ceará (UECE). Disponível em: <https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=106525>. Acesso em: 20 ago.2024.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo, SP: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SENADO FEDERAL. DataSenado: **Mapa da Violência**. Disponível em: <https://www.senado.leg.br/institucional/datasenado/mapadaviolencia/#/inicio>. Acesso em: 13 ago. 2024.

SILVA, Mila Nayane. **Aprendizados e insurgências das mulheres pela luta da terra**. 173 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino), Universidade Estadual do Ceará – UECE, Limoeiro do Norte, 2019. Disponível em: <https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=94815>. Acesso em: 3 nov. 2025.

CRedit Author Statement

- Reconhecimentos:** Ao CEJA Doutor José Nilson Osterne Oliveira, de Limoeiro do Norte, e às mulheres alunas da instituição que ajudaram na pesquisa.
 - Financiamento:** Não.
 - Conflitos de interesse:** Não.
 - Aprovação ética:** Todas as mulheres assinaram o TCLE e conforme com elas ajustado foi assegurado o uso de nomes fictícios para resguardar suas identidades. (À época da pesquisa o Comitê de Ética da Universidade estava direcionado às Ciências da Saúde).
 - Disponibilidade de dados e material:** Os dados e materiais podem ser acessados na íntegra do trabalho de pesquisa, acessível nos repositórios da CAPES e da UECE. Nunca é tarde: uma análise da dinâmica da desigualdade de gênero a partir dos discursos de mulheres que voltaram a estudar. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino - MAIE) – Universidade Estadual do Ceará.
 - Contribuições dos autores:** Cada autor(a) teve sua contribuição diversificada conforme respectivas áreas de estudo, porém, com igual importância para o trabalho.
-

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação
Revisão, formatação, normalização e tradução

